

Um "pois" estruturador

Ana Luísa Costa¹

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL)
ablazerc@gmail.com

Abstract: As it is well known from the literature, the connective *pois* works as a conjunction, sharing properties of both coordinator and subordinator, as an affirmation adverb and as a consequence adverb. Regarding its functioning at a pragmatic and discourse level, the analysis of this particle contributes to the discussion about the need for a natural class of discourse markers. The description of the functioning of *pois* as a discourse marker supports its integration in different categories. Some ideas on its diachronic path are evaluated considering data from two corpora of written letters (from the XVIth century to the XXth century).

Keywords/Palavras-chave: connectives/conectores, discourse markers/marcadores discursivos, information structure/estrutura informacional, letters/cartas.

1. O problema: que fazer com estes *pois*?

A plurifuncionalidade de *pois* como conector interfrásico causal/explicativo (entre coordenador e subordinador), como advérbio conectivo com valor conclusivo e como advérbio de afirmação, com valor confirmativo ou reiterativo, tem sido objeto de teorização por muitos autores e de normalização em gramáticas e dicionários (Bechara, 1999; Brito, 2003; Cunha e Cintra, 1984; Fiéis e Lobo, 2009; Lima, 2002; Lobo, 2001; 2003; 2013; Lopes, Ó., 1991, Lopes, H.C., 2004; Matos, 2003a; 2003b; Matos, 2013; Mendes, 2013; Peres, 1997; Peres e Mascarenhas, 2006). Porém, o contacto com *corpora* de produções escritas torna evidente que as análises disponíveis na literatura não dão conta de todos os usos de *pois*, particularmente no que respeita ao seu funcionamento discursivo e pragmático.

Integrado nas tarefas do projeto P.S. - *Post Scriptum*², o processo de modernização das cartas³ obriga à tomada de decisões sustentadas pela descrição linguística. Por exemplo, se a pontuação de *pois* conjuncionais e de *pois* adverbiais não oferece grandes dificuldades, por existirem regras explícitas e estabilizadas em instrumentos de normalização linguística, o mesmo não acontece no momento de se pontuarem períodos como os que se transcrevem em (1) a., retirados de uma carta de extorsão. Que fazer com estes *pois*?

¹ Bolseira de investigação (pós-doutoramento) no projeto P.S. - *Post Scriptum*, Arquivo Digital de Escrita Quotidiana em Portugal e Espanha na Época Moderna (European Research Council, 7FP/ERC Advanced Grant - GA 295562).

² A base de dados encontra-se disponível em <http://ps.clul.ul.pt/index.php>.

³ Segundo os critérios estabelecidos, na edição modernizada, normaliza-se a grafia das palavras e introduz-se a pontuação própria do português contemporâneo, conservando-se apenas os arcaísmos e regionalismos. As conjeturas da edição quase-paleográfica são integradas no texto modernizado e os trechos omissos, independentemente da sua causa, são marcados com parênteses retos e reticências.

(1) a. **Pois** vosa senhoria non fica Pobre /⁴ e non le sosedera mal Algum / **Pois** se nom me mandar le aguro pe/lo santissimo sacramento tamta / huma Parte como hotra P fica queima^{da} / e para heste dinhiro som 20 e 4 [...] / omes e todos estam d espias e / e manda **rar** hotro emteregoro^m / e o portador esta Inosemte **Pois** / he mandado **Pois** os 20 e 4 estam / De Parte **Pois** se nom quer mam/dalas emPrestemas **Pois** obrigo^{me} pe/la fe que Profeso demtero em ter / meses mandalas e sabera quem he / e me dara As Alvisas

(CARDS0004, de 1825)

O facto de ser preciso recorrer a uma pontuação diferenciadora dos *pois*, como se propõe em (1) b. de forma a garantir uma leitura adequada, constitui uma primeira evidência da necessidade de um tratamento linguístico de *pois* que atenda às várias funções que desempenha na interação discursiva⁵.

(1) b. **Pois** Vossa Senhoria não fica pobre e não lhe sucederá mal algum. **Pois**, se não me mandar, lhe juro pelo Santíssimo Sacramento, tanta uma parte como outra fica queimada. E para este dinheiro são 20 e 4 [...] *homes*, e todos estão d' espias, e manda *rar* outro entregaram. E o portador está inocente, **pois** é mandado. **Pois** os 20 e 4 estão de parte. **Pois**, se não quer mandá-las, empreste-mas, **pois** obrigo-me pela fé que professo dentro em três meses mandá-las. E saberá quem é, e me dará as alvíssaras.

(Ed. modernizada, CARDS0004, de 1825)

Partindo da descrição da plurifuncionalidade de *pois*, o presente trabalho enquadra-se no debate em torno de duas questões:

(i) Há razões para defender a existência de uma classe natural de marcadores discursivos (MD)? Em concreto, as duas classes - conjunção e advérbio - asseguram uma descrição completa da distribuição de *pois*?

(ii) É suficiente classificar *pois* como marcador discursivo para dar conta do seu funcionamento pragmático? Especificamente, a que subclasses de marcadores se associa *pois*?

Ainda que o problema da análise de *pois* tenha sido suscitado por dificuldades no processo de modernização de textos epistolares produzidos entre os séculos XVI e XIX, considerou-se prioritária uma descrição dos usos de *pois* no português europeu contemporâneo que possa fundamentar posteriores reflexões sobre o seu percurso diacrónico. Desta forma, no ponto 2., apresenta-se uma descrição da distribuição sintática, dos valores semânticos e do funcionamento pragmático de *pois* com base em análises propostas por diferentes autores. No ponto 3., defende-se um tratamento de *pois* enquanto MD, destacando-se a pertinência desta classe e a polivalência de *pois* entre subtipos de marcadores discursivos. Finalmente, o ponto 4. integra alguns dados que constituem um apontamento para a caracterização do percurso diacrónico de *pois*.

2. Para a descrição de *pois* entre a frase e o discurso

Com a tónica no funcionamento de *pois* ao nível da frase e na conexão entre frases, neste ponto retomam-se os principais argumentos a que diversos autores têm recorrido para descrever *pois*, ora como coordenador, ora como subordinador.

2.1. Como conjunção

A análise linguística de estruturas com *pois* tem sido amplamente tratada na literatura (Fiéis e Lobo, 2009; Lobo, 2001; 2003; 2013; Lopes, Ó., 1971; Lopes, H. C., 2004; Matos, 2003a; 2003b; 2013; Peres, 1997; Peres e Mascarenhas, 2006; e.o.). Como conjunção, vários autores têm discutido o seu estatuto entre subordinador e coordenador, bem como a proximidade semântica com a expressão de causa. De facto, em construções como (2), *pois* assegura a expressão de uma causa direta ou, dito de outra forma, de uma causa «*de re*».

(2) A Ana ficou doente, **pois** apanhou chuva.

Em contrapartida, o exemplo (3) ilustra uma construção em que a inferência da relação causal é feita pelo enunciador, tratando-se, por isso, de uma causa «*de dicto*».

⁴ A barra oblíqua (/) indica mudança de linha.

⁵ No Projeto P.S. - *Post Scriptum*, na anotação POS, distinguem-se conjunções (com a etiqueta C) de advérbios (com a etiqueta ADV). Posteriormente, na fase de anotação sintática, recorre-se à etiqueta ADVP-PRG, associando-se a análise deste item a propriedades de natureza pragmática. Estas opções de anotação permitem recuperar automaticamente os *pois* não conjuncionais, facilitando o tratamento de dados para estudos como o que se apresenta. Para informações sobre os sistemas de anotação usados, leia-se Marquilha et al. (2014).

(3) Choveu muito, **pois** o chão está molhado.

Enquanto conjunção explicativa, *pois* tem sido mais associado a este segundo matiz da expressão de causa, um valor difuso que inclui o motivo ou a explicação. Note-se, porém, que a possibilidade de *pois* enunciar uma relação de causa/efeito numa realidade objetiva, como acontece em (2), evidencia a fragilidade de critérios semânticos para excluir este conector da subclasse dos causais. Em gramáticas como Cunha e Cintra (1984), esta conjunção inclui-se tanto entre as coordenativas explicativas, como entre as subordinativas causais. Face à insuficiência dos critérios de natureza semântica, outros autores recorrem a critérios formais, procurando uma distinção mais estável entre propriedades partilhadas com estruturas de coordenação e propriedades partilhadas com estruturas de subordinação adverbial. Nos exemplos (4) a (8), aplicam-se os testes sintáticos propostos em Quirk et al (1972) para distinguir construções de coordenação de construções de subordinação. A agramaticalidade de (4) atesta a impossibilidade de se mover para posição inicial o termo encabeçado por *pois*, propriedade que o distingue de conjunções de subordinação, como a conjunção causal *porque*, cujo termo que integra pode ocorrer anteposto, como (5).

(4) ***Pois** apanhou chuva, a Ana ficou doente.

(5) **Porque** apanhou chuva, a Ana ficou doente.

Também ao contrário de subordinadas adverbiais, as orações encabeçadas por *pois* não resistem a ser coordenadas, como se verifica pelo confronto entre (6) e (7).

(6) *A Ana ficou doente, **pois** apanhou chuva e **pois** não tinha chapéu de chuva.

(7) A Ana ficou doente, **porque** apanhou chuva e **porque** não tinha chapéu de chuva.

Se as duas propriedades anteriores - impossibilidade de anteposição e impossibilidade de coordenação - afastam as construções com *pois* da subordinação adverbial prototípica, o teste seguinte exclui a admissão de *pois* entre a subclasse das conjunções coordenativas típicas, como *e*, *mas* e *ou*.

Em (8), verifica-se a impossibilidade de ligar constituintes não frásicos, ao contrário do que se passa em (9), numa frase com uma conexão aditiva com *e*.

(8) *A chuva foi devastadora, **pois** intensa.

(9) A chuva foi devastadora **e** intensa.

Considerando estes testes, vários autores, defendendo diferentes análises, têm acrescentado outros critérios formais relevantes para a análise de *pois* conjuncional. Matos (2003b) defende que as orações explicativas, como as que integram *pois*, apresentam características que as aproximam mais da subordinação adverbial do que da coordenação, embora evidenciem um menor grau de coesão com a frase com que se articulam, o que as aproxima de casos paratáticos de justaposição. Como argumento adicional à ideia de que as explicativas ocorrem em configurações de tipo apositivo, a autora mostra que as conjunções explicativas não admitem frases com elipse lacunar, como se ilustra em (10), ao contrário das coordenativas canónicas, em (11).

(10) *A Ana comprou este chapéu de chuva, **pois** o Zé [-] essa gabardine.

(11) A Ana comprou este chapéu de chuva **e** o Zé [-] essa gabardine.

Além da impossibilidade de a oração com *pois* ocorrer anteposta, Peres (1997) e Peres e Mascarenhas (2006) enunciam (i) a ocorrência como complemento verbal, (ii) a aceitação de advérbios de frase, (iii) a sujeição ao escopo da negação e (iv) a clivagem como propriedades que permitem distinguir estruturas explicativas de estruturas causais. Em concreto, as estruturas com *pois* têm resultados agramaticais quando sujeitas a estes quatro testes, ao passo que, da aplicação dos mesmos testes a subordinadas causais, resultam períodos bem formados.

Relativamente à discussão de um estatuto mais coordenativo ou mais subordinativo de conectores causais/explicativos, Lobo (2001; 2003) regista os resultados agramaticais de *pois* face à impossibilidade (i) de ocupar posição inicial, como se observou em (4), (ii) de ser coordenado, como em (6), e (iii) de ligar constituintes não frásicos, como em (8). A estes testes, acrescenta a observação de que estas estruturas são domínios de ênclise, de acordo com (12).

(12) A Ana comprou este chapéu de chuva, **pois** achou-o barato.

De forma a explicar a especificidade da coordenação explicativa com *pois*, Fiéis e Lobo (2009) analisam estas construções como um caso de «coordenação seletiva», sendo configurações mais restritivas quanto ao tipo de constituinte que seleccionam, o qual só pode ser uma oração finita. Esta análise permite explicar, simultaneamente, o facto de *pois* não poder coocorrer com uma conjunção

coordenativa típica, por ambos os conectores concorrerem para a mesma posição estrutural, e o facto de partilhar propriedades de subordinadas adverbiais periféricas, por ser uma estrutura de adjunção. A versatilidade de *pois*, entre coordenador e subordinador, surge novamente destacada em Lobo (2013), reafirmando-se a ausência de identidade estrita com outras conjunções coordenativas e remetendo-se para o seu tratamento em Mendes (2013) como um caso de suplementação.

Mendes (*idem*), em consonância com Matos e Raposo (2013) e com Peres e Mascarenhas (2006), propõe uma análise das orações introduzidas por *pois* como um caso particular de construção paratática que se liga a uma oração-âncora por suplementação. Embora as orações explicativas se distingam de subordinadas adverbiais por não poderem ocorrer antepostas na frase complexa, explicativas como (13) podem aparecer intercaladas na oração-âncora, uma posição discursivamente proeminente, possível para algumas subordinadas adverbiais e típica de conexões por suplementação.

(13) A Ana, **pois** o Zé não quis, vestiu a gabardine.

As orações-suplemento explicativas, ao contrário de adverbiais integradas e de adverbiais periféricas, não são um constituinte (essencial ou adjunto) da oração principal, apresentando um grau de independência superior ao de subordinadas periféricas. A ausência de integração gramatical é também confirmada pela autonomia prosódica, assinalada na escrita por vírgula (ou travessão, ou parêntesis), como atestam os períodos em (14), transcritos de Mendes (2013, p. 1732).

(14) a. *Andei mais devagar do que o normal, pois não havia razão para correr riscos.*
(CRPC, *O Jogo*)

b. *Não há suspeita de crime, pois o corpo não apresenta sinais de violência.*

(CRPC, M. Velho da Costa, *Maina Mendes*)

A descrição do funcionamento das construções de *pois* como estruturas de suplementação, com efeitos ao nível de unidades superiores à frase e com relativa independência em relação à unidade sintática que suplementam, está em harmonia com a vocação de *pois* para o desempenho de funções a nível discursivo e pragmático, particularmente como MD.

2.2. Como advérbio conectivo

Em (15) e (16), enuncia-se uma relação coesiva equivalente, sendo que um dos termos expressa a causa ou o motivo do que é expresso no outro. A diferença reside no valor veiculado pelo conector, que em (15) introduz a causa, ao passo que em (16) introduz a consequência ou o efeito da situação descrita no outro termo oracional (cf. Lopes, 1971).

(15) A Ana ficou doente, **pois** apanhou chuva.

(16) A Ana apanhou chuva, **por isso** ficou doente.

Já o contraste entre (17) e (18) torna evidente que, exclusivamente em posição pós-verbal, *pois* pode enunciar o mesmo valor que *por isso*.

(17) A Ana apanhou chuva; ficou, **pois**, doente.

(18) A Ana apanhou chuva, **pois** ficou doente.

Em (17), a oração em que *pois* aparece intercalado deve ser lida como a consequência ou o efeito de a Ana ter apanhado chuva. Em contraste, em (18), o enunciado, que não é a paráfrase adequada nem de (16), nem de (17), é aceitável se a proposição introduzida por *pois* for interpretada como uma explicação que decorre de uma inferência do falante relativamente ao facto de «a Ana ter ficado doente».

Em gramáticas como Cunha e Cintra (1984), conectores como *por isso* e *pois* posposto, a par de *logo* e *portanto*, são tratados como conjunções coordenativas conclusivas. Porém, vários são os autores que sublinham que propriedades distribucionais destes itens mais os aproximam de advérbios de frase ou de conectores do que de conjunções (Bechara, 1999; Matos, 2003; Matos e Raposo, 2013). Seguindo a proposta de Quirk et al. (1972) relativamente a advérbios disjuntos, Costa (2008) descreve estes conectores conclusivos como «advérbios conectivos». Esta subclasse de advérbios inclui itens que, à semelhança de advérbios de frase, (i) manifestam uma grande mobilidade, (ii) não podem ocorrer sob o escopo da negação, nem ser clivados e (iii) têm escopo no domínio frásico a que pertencem. Advérbios conectivos distinguem-se de advérbios de frase por pertencerem a classes semânticas equivalentes às de conjunções (conclusivos, adversativos, concessivos...) e por assegurarem conexões entre unidades superiores à frase. Relativamente a *pois* com valor de consequência/conclusão, note-se que não tem uma mobilidade tão livre quanto a tipicamente atribuída a advérbios conectivos, uma vez que não pode ocorrer nem em início absoluto, como se verificou pela agramaticalidade de (4), nem no início do segundo termo

da oração, onde assume valor explicativo, e muito dificilmente ocorre em outras posições intercaladas, como se observa em (19).

- (19) a. */??A Ana apanhou chuva; esta rapariga, **pois**, ficou doente.
 b. */??A Ana apanhou chuva; esta rapariga ficou doente, **pois**.

Todavia, *pois* partilha da possibilidade que os advérbios conectivos têm de estabelecer relação semântica não só entre o enunciado que introduzem e o domínio frásico imediatamente anterior, mas também, de forma mais abrangente, com unidades presentes no discurso anterior. Este funcionamento de *pois* conclusivo a nível de unidades discursivas e outras características, como a sua autonomia prosódica, formando uma ilha entre duas pausas ou quebras entoacionais, permite integrá-lo, segundo algumas taxonomias de MD, entre a subclasse dos «conectores» prototípicos (cf. Martín Zorraquino e Portolés Lázaro, 1999, p. 4082).

2.3. Como advérbio de afirmação

À semelhança do que acontece com as construções com *pois* descritas nos pontos anteriores, existe bastante informação linguística e gramatical disponível relativamente ao funcionamento de *pois* em construções como (20).

- (20) - Ela já saiu de casa?
 - **Pois**.

A maioria dos dicionários de referência classifica o *pois* que pode ocorrer em respostas a interrogativas globais como «advérbio de afirmação», tal como o advérbio *sim*, associando-o a valores como afirmação, reiteração, concordância ou assentimento. Uma vez mais, saliente-se que *pois* não se limita a veicular valores primários típicos de advérbios, manifestando a possibilidade de codificar valores associados a conhecimento partilhado entre participantes na interação verbal ou a atitudes do enunciador. Assim, note-se que o recurso a *sim* como resposta à pergunta em (20) é mais adequado a uma situação solicitação de informação desconhecida por parte do primeiro participante, ao passo que a resposta com *pois*, ou com *pois foi* ou *pois já*, se adequa melhor a um valor confirmativo.

Em (21), exemplifica-se o uso de *pois* com valor de concordância ou assentimento face ao que foi enunciado previamente, valor expresso de forma mais adequada em a. com *pois* do que através de *sim* em b.

- (21) a. - Ele está esgotado.
 - **Pois...** Não para de trabalhar!
 b. - Ele está esgotado.
 - **#Sim...** Não para de trabalhar!

Acompanhado de uma entoação marcada, num contexto como (22), *pois* deve ser interpretado como ausência de concordância ou desconfiança face à explicação do interlocutor, por um processo inferencial de leitura do valor afirmativo como expressão de ironia.

- (22) - Cheguei atrasada porque tive um furo num pneu.
 - **Pois...**

Dado que estes *pois*, ocorrendo em contextos estruturalmente equivalentes e associados a um valor geral de afirmação, veiculam informações pragmáticas diferentes, interpretáveis no contexto situacional, pode concluir-se que atuam como MD, no sentido de Blakemore (1987), na medida em que não são detentores de um valor representacional (como o dos itens lexicais), antes contribuem para uma interpretação quanto aos procedimentos a seguir na gestão da informação. Crucialmente, de novo se reitera a ideia de que *pois*, mesmo como advérbio de afirmação, está fortemente vocacionado para o desempenho de papéis relevantes na gestão de interações discursivas.

3. Para a descrição de *pois* na interação discursiva

Se, como se tem vindo a referir, há bastante informação disponível sobre os usos de *pois* quer conjuncional, quer adverbial, o mesmo não se pode afirmar relativamente a usos de *pois* em contextos como os que se descrevem nos três pontos seguintes, todos estreitamente associados a fatores pragmáticos e discursivos. Relativamente ao funcionamento de *pois* como marcador fático e como marcador discursivo, a descrição terá como ponto de partida as análises apresentadas em Lima (2002) e em Óscar Lopes (1991); no ponto 3.3., apresenta-se uma proposta de extensão das análises de *pois* marcador discursivo, defendendo-se que este também desempenha funções específicas no fornecimento de instruções sobre estrutura temático-informacional.

3.1. Como fático

Em (23), uma transcrição de uma sequência conversacional do *Corpus Oral do Português Contemporâneo* (CRPC), retirada com anotação de Lima (2002), distinguem-se *pois* com funcionamento de marcadores afirmativos, como os descritos no ponto 2.3., e *pois* que são marcadores fáticos.

(23) X: [...] *porque assim fogões, frigoríficos, isso fica-me um ali e o resto ponho tudo em exposição,*

A: *Claro.*

X: *tenho mesmo um estrado já, manda (...), mandei fazer um estrado, tenho tudo para uma sala, a cá de baixo, quer dizer, poder levar ali as pessoas para escolherem as coisas,*

A: **Pois** /m. fático/.

X: *coisas grandes.*

A: **Pois** /m. fático/. *E portanto ficas com a parte de baixo e a parte de cima.*

X: **Pois**, /m. afirmativo/ *a parte de baixo é mais para exposição,*

A: **Pois** /m. fático/.

X: *percebes, e a parte de cima é para arrumação,*

A: (...) **Pois** /m. fático/.

X: *tudo coberto de estantes e isso para arrumar as coisas e abrir encomendas e essas coisas todas.*

A: **Pois, pois** /m. fático/.

(ca. 1980, *Copus oral*, CRPC apud Lima, 2002, pp. 11-12)

Como marcador afirmativo, numa extensão da sua função de assentimento ou concordância, *pois* pode ser interpretado como manifestação por parte do ouvinte de que está a compreender o que o seu interlocutor está a dizer, como se verifica em «**Pois**, *a parte de baixo é mais para exposição*».

Já como marcador fático (Lima, *ibidem*), *pois* serve para pontuar um enunciado relativamente longo, de forma que um dos interlocutores vai dando sinais de estar a prestar atenção ao que diz o outro, o que não significa necessariamente que esteja a expressar compreensão sobre o que está a ser dito. Aliás, enquanto marcador fático, *pois* despoja-se de qualquer valor conceptual, adotando antes um funcionamento ao nível da atividade enunciativa, sendo sinal de cooperação e de manutenção da atenção na interação verbal. Salientando-se esta sua função primordialmente pragmática, segundo outras taxonomias, esta partícula integra-se na categoria dos «marcadores de estruturação conversacional» (Carrilho e Lopes, no prelo; Lopes, A.C., 1996; Martín Zorraquino e Portolés Lázaro, 1999; Roulet et al., 1985, e.o.), na medida em que desempenha esta função exclusivamente na oralidade, funciona como um sinal de pontuação do enunciado conversacional, não ocorre em discurso encaixado e não tem mobilidade na estrutura frásica. Note-se ainda que, no último turno do exemplo (23), se encontra uma reduplicação, a qual pode manter apenas a função fática ou, de forma plausível, envolver também uma retoma de um dos dois valores associados ao marcador de afirmação - compreensão do que está a ser enunciado ou concordância.

3.2. Como reativo

A classificação gramatical de um *pois* como o que ocorre no enunciado em (24) constitui um desafio, particularmente para abordagens mais convencionais de classes de palavras. O exemplo, que não apresenta incorreções e é adequado ao registo de língua, foi transcrito de uma carta da Guerra Colonial, escrita por um autor com um domínio proficiente de língua.

(24) *Lembras-te daqueles meus queridos sapatos bicudos? Pois morreram: sai-me o dedo grande por eles, como uma língua por uma boca aberta...* (Carta de A. L. Antunes, de 1971)

A inadequação das paráfrases resultantes da comutação com *porque*, em (25), e com *portanto*, em (26), evidencia que, neste contexto, *pois* ocorre esvaziado do seu valor causal ou explicativo e que também não opera um valor de consequência ou conclusão. Por outras palavras, pelo menos semanticamente, não se trata de uma conjunção causal/explicativa, nem de um advérbio conectivo conclusivo.

(25) #Lembras-te daqueles meus queridos sapatos bicudos? **Porque** morreram: sai-me o dedo grande por eles, como uma língua por uma boca aberta...

(26) #Lembras-te daqueles meus queridos sapatos bicudos? **Portanto** morreram: sai-me o dedo grande por eles, como uma língua por uma boca aberta...

Em contraste com esta observação, a posposição de *pois*, ilustrada em (27), torna claro que o seu funcionamento em (24) está estreitamente associado à posição inicial da segunda frase. Aliás, em conformidade com diferentes pausas ou quebras entoacionais, no oral, ou com diferentes pontuações, no modo escrito, o conector intercalado pode operar valores mais explicativos ou mais conclusivos. Em concreto, o isolamento entoacional de *pois*, como o que se assinala com duas pausas ou quebras, parece espoletar um sentido explicativo, enquanto o valor explicativo está associado a uma pausa ou quebra anterior. De qualquer forma, o que é relevante observar é que as paráfrases com posposição e com estes valores são inadequadas à interpretação do enunciado em (24).

(27) Lembras-te daqueles meus queridos sapatos bicudos? Morreram / **pois** (/) sai-me o dedo grande por eles, como uma língua por uma boca aberta...

Efetivamente, as propriedades entoacionais deste *pois* são distintas das que se observam nas suas ocorrências como causal/explicativo, por um lado, e como conclusivo, por outro. O *pois* em (24) está associado a uma pausa ou quebra entoacional anterior mais acentuada do que a do *pois* causal/explicativo, como se ilustra em (28). Neste caso, esta marca entoacional é tendencialmente representada na escrita não por vírgula, mas por um delimitador de período (ponto final, interrogativo ou exclamativo) e por maiúscula.

(28) Lembras-te daqueles meus queridos sapatos bicudos? // **Pois** morreram: sai-me o dedo grande por eles, como uma língua por uma boca aberta...

Com a omissão de *pois*, em (29), fica ainda mais saliente que, na sua função de ligação de segmentos discursivos em (24), nem contribui para a interpretação proposicional dos segmentos que liga, nem altera o seu valor de verdade.

(29) Lembras-te daqueles meus queridos sapatos bicudos? Ø Morreram: sai-me o dedo grande por eles, como uma língua por uma boca aberta...

Considerando as diferenças face ao seu funcionamento conjuncional e adverbial, as propriedades observadas permitem considerar *pois* um marcador discursivo que não é exclusivo de contextos conversacionais. Ao contrário do *pois* fático, também não atua ao nível da cooperação pragmática, podendo ocorrer em enunciados monológicos como, aliás, acontece no exemplo (24). Estas e outras propriedades distintivas de marcadores discursivos, sintetizadas em Fraser (1999) e consensuais com outros autores, como Martín Zorraquino e Portolés Lázaro (1999) e Carrilho e Lopes (no prelo), confirmam a integração deste *pois* entre os marcadores discursivos: (i) é uma palavra invariável que teve como fonte a classe das conjunções, mas no contexto de (24) não desempenha uma função gramatical típica dessa classe de palavras; (ii) estabelece relação com um segmento textual adjacente, podendo igualmente estabelecer relação com unidades mais amplas de discurso anterior e, também, com segmentos de discurso implícitos ou pressupostos; e (iii) está associado a uma marcação entoacional específica, com uma quebra ou pausa entoacional anterior (embora marcadores típicos possam ter mais autonomia entoacional). Crucialmente, em (24), *pois* relaciona dois segmentos de discurso sem contribuir para a interpretação do conteúdo proposicional de cada segmento, como acontece quando funciona como conjunção ou como advérbio conectivo. A sua função parece antes ser a de guiar a 'leitura' que deve ser feita do segmento que introduz, ou seja, específica de que modo esse segmento deve ser interpretado em relação ao anterior, considerando as restrições que impõe. Concretamente, *pois* não contribui para a interpretação conceptual dos segmentos que conecta, mas fornece instruções sobre os procedimentos⁶ a seguir na manipulação e interpretação da informação.

Reconhecendo em *pois* funções próprias de marcadores discursivos, Óscar Lopes (1991) e Lima (2002) propõem análises para configurações muito semelhantes a (24), através das quais se distinguem três valores diferentes: um argumentativo/inferencial, outro consecutivo/conclusivo e, finalmente, um terceiro adversativo.

Os exemplos (30) e (31), construídos a partir de exemplos de Lopes (1991, p. 185), ilustram um caso de um enunciado monogerado e de um diálogo, respetivamente.

(30) - *Estás com sono? pois deita-te!*

(31) - *Estou com sono!*

- **Pois** deita-te!

⁶ Fraser (1999, p. 944) explica que «an expression with a procedural meaning specifies how the segment it introduces is to be interpreted relative to the prior».

Em ambos os casos, *pois* pode ocorrer acompanhado do marcador *então*, ou pode ser comutado por este. Esta proximidade semântica com *então*, também visível entre (32) a. e b., um exemplo de *então* argumentativo segundo Ana Cristina Macário Lopes, deixa evidente o valor argumentativo de *pois*, que pode ser interpretado como introdutor da conseqüente numa paráfrase com uma condicional, como (32) c.

- (32) a. Queres entrar em Medicina? Pois tens de estudar!
 b. *Queres entrar em Medicina? Então tens de estudar!* (A.C.M. Lopes, 1996, p.182)
 c. *Se queres entrar em Medicina, então tens de estudar!* (A.C.M. Lopes, 1996, p.183)

Em outros casos, como no exemplo (33), transcrito de Óscar Lopes (1991, p. 189), *pois* é interpretável como adversativo, de acordo com a paráfrase em b.

- (33) a. - *Eu acredito no Pedro.*
 - **Pois** eu não acredito.
 b. - *Eu acredito no Pedro.*
 - **Mas** eu não acredito.

Este mesmo valor e um valor de consequência são identificados num exemplo de produção escrita do século XIX de Lima (2002, pp. 9-10). Apesar da datação do exemplo, salienta-se a manutenção destes valores no ainda português contemporâneo.

(34) *Viajar? ...qual viajar! até à Cova da Piedade, quando muito, em dia que lá haja cavalinhos. Pois /conseq/ ficareis alfacinhas para sempre, cuidando que todas as praças deste mundo são como a do Terreiro do Paço, todas as ruas como a rua Augusta, todos os cafés como o do Marrare.*

Pois/advers/ não são, não: e o do Cartaxo menos que nenhum.

(Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*, Cap. VII)

Da comparação entre o uso de *pois* em (24) e nos exemplos (30) a (34), destaca-se o facto de o marcador do primeiro exemplo não assumir nenhum dos valores dos demais exemplos, embora ocorram todos em configurações discursivas bastante semelhantes, como são os casos de par pergunta-resposta ou afirmação-comentário. Não sendo a possibilidade de operar valores semânticos típicos de subclasses de conectores o traço comum a estes marcadores discursivos, o que parece unificar o funcionamento deste *pois* é a sua função de ligação ilocutória. Na verdade, em todos os casos, e também em outros exemplos aduzidos pelos autores mencionados, *pois* introduz um enunciado que instancia um ato ilocutório que é uma reação a um ato ilocutório anterior. Na proposta de delimitação do percurso diacrónico de *pois*, de conjunção a marcador discursivo, Lima (2002) defende que, tipicamente, este marcador surgia em contextos diretivos, introduzindo resposta a perguntas, injunções ou instanciações à ação; a generalização a contextos não diretivos abriu caminho a novas possibilidades de funcionamento pragmático. Na evolução dos usos de *pois* como marcador, este passou a poder servir simplesmente para anunciar que o discurso anterior foi, de alguma forma, tido em consideração. Deste modo, *pois*, associado a mais esta propriedade típica de marcadores discursivos, funciona como uma marca de que, considerando o que ficou dito antes, o enunciador reage com um ato assertivo (de oposição ou de assentimento), com um ato diretivo (sugestão, ou injunção, ou ordem) ou mesmo com um ato expressivo.

3.3. Como estruturador

Ao delinear o percurso de gramaticalização e subjetivização de *pois*, de conjunção causal a marcador discursivo, Lima (2002) trata contextos em que este marcador funciona à semelhança do que se descreveu no ponto anterior: de alguma forma, serve para reportar-se a discurso anterior e introduz uma reação do enunciador a discurso anterior. Nestes contextos, *pois* é classificado apenas como «marcador discursivo». A partir deste tipo de marcador, explica-se a emergência de «marcadores de afirmação» e de «marcadores fáticos», como os descritos em 2.3. e 3.1. No presente ponto, apresenta-se uma análise de um conjunto mais vasto de contextos, os quais permitem distinguir entre marcadores discursivos que funcionam como introdutores de um ato ilocutório reativo (como em 3.3.) e outros, com outras funções.

Recuperando uma ocorrência de *pois* da obra de Garrett de onde se extraiu o exemplo (34), verificamos que o marcador no exemplo (35) não introduz uma reação ao discurso anterior. Considerando que tanto o enunciado em (24) como o enunciado em (35) pertencem a discurso monogerado, o contraste entre ambos reforça a ideia de que, no segundo, *pois* desempenha uma função distinta, operando ao nível da progressão temática do texto.

(35) [...] Ah! estamos em Tortoni... que delícia um sorvete com este calor! — é seguramente, é dos prazeres maiores desse mundo, sente-se a gente viver; é meia hora de existência que vale dez anos de ser rei em qualquer outra parte do mundo.

Pois acredite-me o leitor amigo que sei alguma coisa dos sabores e dissabores deste mundo, fie-se na minha palavra, que é de homem experimentado: o prazer de chegar por aquele modo a Tortoni, o apear da elegante caleche balançada nas mais suaves molas que fabricasse arte inglesa do puro aço de Suécia, não alcança, não se compara ao prazer e consolação da alma e corpo que eu senti ao apear-me da minha choiteira mula à porta do grande café do Cartaxo.

(Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*, Cap. VII)

Se em (35) *pois* parece assinalar a mudança para a introdução de um novo tópico, «o café do Cartaxo», retomando ainda o tópico anterior, «Tortoni», no exemplo (36), de uma carta também do século XIX, o marcador aparece em início absoluto da narração, logo após a arenga, parte da carta que corresponde apenas a discurso formular. Neste caso, o marcador introduz o primeiro tópico da narração da carta.

(36) [Munto estimarei que te tenhas tido felecidades Como eu p(ar)a mim dezejo i Juntamente em Comp(anhi)a da nosa Mai dos mais irmaus.]^{arenga}

Pois eu sahi da cidade do porto a dezoito de no(vem)bro de mil 818 i chiguei aqui a esta prisão de desta cida do Rio de jan(ei)ro Com trinta digo Com sesenta dias de viaige (CARDS7052, de 1818)

Esta mesma função de anúncio de novo tópico encontra-se atestada em produções escritas do século XX, por exemplo, numa carta familiar do âmbito da emigração em África nos anos 70, na qual, uma vez mais, *pois* aparece em início absoluto da parte de narração livre da carta.

(37) [Minha muito querida <NAME>. Meus muito queridos Filhos.]^{abertura}

Pois hoje dia 1/11 atingi o meu peso pluma de 80 Kg. Este foi o peso que a balança acusou também quando, há 26 anos, fui à inspecção militar. (FLY4121, de 1976)

Nos três exemplos apresentados é notória a associação a sequências de carácter dialogal: em (35) ficciona-se um diálogo entre narrador e narratário e os exemplos (36) e (37) pertencem a um género dialogal escrito, a carta, na medida em que cada carta pode ser vista como uma tomada de turno numa sequência conversacional (Adam, 1998). Contudo, em contraste com o *pois* que é marcador fático, a função de *pois* nestes contextos não parece estar estritamente associada à oralidade, funcionando antes como o que algumas taxonomias de marcadores discursivos consideram ser um «estruturador da informação» (Martín Zorraquino e Portolés Lázaro, 1999) ou, mais especificamente, um «marcador de tópico» (Carrilho e Lopes, no prelo).

Outros *pois*, que não ocorrem em início absoluto, nem introduzem uma reação ao ato ilocutório anterior, são também eles nexos que prefaciam enunciados que devem ser lidos como relevantes em relação a discurso prévio. Disso são exemplo os excertos seguintes de uma carta de extorsão de dinheiro, em (38), e de uma carta escrita nos anos sessenta por uma mão menos hábil, em (39).

(38) E quando o Remeta vivera seguro e se lhe satisfara e se lhe savera agradecer em todo o tempo. **Pois** nos ficamos a espera da Resposta do noso amigo pa(ra) sabermos se sem ou não. (CARDS0029, de 1830)

(39) [N], agora pedia-te pela tua saúde para tu cá vires falar comigo. **Pois** pedia-te o favôr porque eu, quando sair daqui, quero ir para au pé de ti. **Pois** vê lá o que podes fazer. (FLY4113, de 1963)

No excerto (38), o enunciado introduzido pelo marcador constitui um comentário ao tópico «pedido de remessa de dinheiro». No caso de (39), relativamente ao tópico «pedido para tu cá vires», recorre-se a *pois* para acrescentar informação também de tipo «comentário».

Face a estes dados, é sustentável considerar que os *pois* dos exemplos (35) a (39) atuam ao nível da estruturação temático-informacional, veiculando informações sobre a natureza da informação ao longo do texto. Assim, pode propor-se que se trata de um *pois* estruturador, que facilita a estruturação da informação ao nível da progressão temática, apresentando o segmento que introduz como informativamente relevante. Esta identificação de subclasse de marcador como «estruturador da informação» enquadra-se na classificação proposta para um dos *pues* espanhóis em Martín Zorraquino e Portolés Lázaro (1999). Em alguns casos, como (36) e (37), *pois* dá indicações de que a informação por si introduzida deve ser lida como um tópico discursivo novo, em outros contextos, como (38) e (39), indica

que a informação seguinte deve ser processada como comentário. Em concreto, o *pois* estruturador de informação funciona de forma mais específica ora como «marcador de tópico» (cf. Carrilho e Lopes, no prelo), ora como «comentador» (cf. Martín Zorraquino e Portolés Lázaro, 1999).

O confronto entre as ocorrências do marcador discursivo *pois* em exemplos como (24) e (34), por um lado, e (35) a (37), por outro, evidencia a existência de duas subclasses diferenciáveis pelas suas funções pragmático-discursivas. A versatilidade de *pois* como marcador discursivo ilustra bem como é difícil estabelecer uma taxonomia para estas palavras e reforça a ideia de que uma taxonomia robusta deve prever categorias genéricas que satisfaçam a plurifuncionalidade dos seus elementos. Seguindo a proposta de Fraser (1999), segundo a qual há duas classes principais de marcadores, o *pois* que assegura a conexão de frases, de períodos e de unidades superiores ao período, como em exemplos do ponto 2., integra a classe dos «marcadores discursivos que relacionam mensagens»; os exemplos de *pois* dos pontos 3.1. e 3.2., envolvendo instruções sobre aspetos pragmáticos da interação discursiva e sobre aspetos da estrutura temático-informacional, podem ser considerados «marcadores discursivos que relacionam tópicos».

4. Pistas para um percurso diacrónico

Na proposta de explicação do percurso de gramaticalização e de subjetivação de *pois*, de preposição temporal a advérbio temporal, a conjunção causal, a marcador discursivo e, posteriormente, a marcador afirmativo e fático, Pinto de Lima (2002) regista a sua emergência como marcador discursivo com exemplos que remontam ao século XV, retirados da *Crónica de D. Pedro de Menezes*, como o que se transcreve em (40).

(40) *a terra assesseg(a)da estaa, & o que ho Magriço diz he pera crer, porque na~o ho pode nenhu~melhor saber que elle, que o vyo pello olho.*

- *Ora pois - disse dom D(ua)rte - vamos com D(eu)s & e~ o seu nome faremos oge m(ui)to de nossa homrra.*

(séc. XV, M. T. Brocardo, *Crónica de D. Pedro de Menezes*, 701/ ZPM, CIPM)

Entre os exemplos apresentados no artigo mencionado, não existem casos de *pois* estruturador de informação. Contudo, a análise de um *corpus* diacrónico de cartas escritas na Época Moderna, transversal a quatro séculos, confirma a disponibilidade da função estruturadora de *pois* pelo menos desde o século XVIII, em exemplos como (41).

(41) *Eu pesote pelo amor deos q(ue) te Lenbres q(ue) eu sou teu marido. Pois torna a pedir a Senhora q(ue) pedia por mim que me valha pelo amor deos.* (CARDS0033, de 1791)

Partindo desta constatação, procedeu-se a uma abordagem exploratória da frequência de ocorrências de *pois* como estruturador da informação. Os dados analisados integram dois *corpora* de cartas, acessíveis na internet, o *corpus* Fly⁷, com cartas do século XX, entre 1900 e 1974, e o *corpus* CARDS-PS⁸, com cartas particulares escritas entre 1500 e 1834. O facto de ambos os *corpora* disponibilizarem as transcrições em formato XML facilitou o seu tratamento automático. A quantificação e identificação de estruturas com *pois* foi feita com o auxílio da ferramenta *WordSmith Tools*, em particular com as aplicações *WordList* (para a análise quantitativa) e *Concord* (para a classificação de estruturas, com acesso aos contextos de ocorrência). Foram tratadas, na totalidade 2095 cartas, das quais apenas 803 continham estruturas com *pois*, num total de 1912 ocorrências de *pois*, pesquisados com diferentes formas gráficas (*pois*, *poys*, *poes* e *poues*). Dado o desequilíbrio da distribuição quantitativa de ocorrências pelos diferentes séculos, optou-se por proceder à classificação de cerca de 100 estruturas por século, como se ilustra na tabela 1.

⁷ Corpus FLY online em <http://fly.clul.ul.pt/>

⁸ Corpus CARDS-PS online em <http://ps.clul.ul.pt>

Séculos	XVII	XVIII	XIX	XX	Totais
Dados					
Estruturas analisadas	105	101	101	112	419
Totais de <i>pois</i> estruturador	0	10	18	68	96
% de <i>pois</i> estruturador	0	9,9%	17,8%	60,7%	22,9%

Tabela 1: Ocorrências de *pois* estruturador por século

Da leitura da tabela, destaca-se a ausência de ocorrências no século XVII e o crescimento da frequência de uso de *pois* com função estrita de estruturador temático-informacional ao longo dos três últimos séculos. Os dados confirmam o caráter tardio da disponibilização da função de *pois* marcador discursivo, mas outros aspetos decorrentes desta análise merecem referência. Em primeiro lugar, embora se tenham excluído cartas do século XVI por serem em número insuficiente (apenas 25), deve registar-se que, entre as 13 estruturas com *pois* destas cartas, não existe qualquer ocorrência do marcador estruturador.

Além disto, a superabundância de *pois* no *corpus* do século XX merece ser justificada, dado que, efetivamente, a percentagem de *pois* estruturador acima dos 50% causa estranheza. Uma análise mais fina da natureza dos dados tornou evidente a existência de uma coleção de cartas, trocadas entre dois participantes, em que há uma percentagem excessivamente elevada em relação à média de *pois* (nestas cartas, grafado como *poues*). Descartando as construções destas cartas, para o século XX, devem considerar-se 29,5% de ocorrências de *pois* estruturador.

De qualquer forma, os dados relativos à superabundância de *pois/poues* na escrita de alguns autores carecem de explicação. O conjunto destacado inclui cartas provavelmente ditadas, produzidas por uma mão com marcas de um domínio incipiente da escrita compositiva. Como se mostra em (42) e, particularmente, na globalidade da carta no anexo 1, *pois* é usado recorrentemente, começando por uma ocorrência em início absoluto da narração.

(42) **poues** cá recebim / a aeçomenda que de lisboa / **poues** esquizavas de / andar a ecomodar esa / xente / **poues** a gente ca gozaramos pouco / pela pascoa que a gente / não tinha alegria para / iço q estava
perá
açentar
paraça o meu [N] (FLY2153, de 1917)

O uso repetido de um mesmo conector ou marcador discursivo, como parece ser o caso deste *pois*, pode estar associado a registos de língua mais coloquiais, muito ancorados nas interações orais, o que marca a produção escrita de autores menos proficientes. Neste sentido, *pois* parece estar a funcionar como alguns conectores usados multifuncionalmente por falantes menos escolarizados, em discurso oral e discurso escrito não canónico, como, por exemplo, *onde* (para qualquer tipo de ligação) ou *É assim* (também introdutor de tópicos). O estudo da produção deste tipo de conexões é uma pista interessante para o estabelecimento de escalas de literacia discursiva, com impacto na mestria de escrita.

5. Algumas conclusões

A ideia de um percurso de *pois* progressivamente menos ligado a um nível local, ou seja, a um nível de interpretação proposicional, que o encaminha para uma atuação mais ao nível pragmático-discursivo, é consensual com o percurso sintático para posições mais periféricas, como coordenador explicativo, proposto em Fiéis e Lobo (2009). Confirma igualmente as análises que o situam entre as conexões paratáticas (Matos e Raposo, 2013; Mendes, 2013). O caminho para funções cada vez menos conceptuais e mais associadas à veiculação de instruções sobre como gerir informação conduziu *pois* a funções de marcador discursivo, como se explica em Lima (2002), entre as quais uma função como estruturador ao nível temático-informacional, como se propõe em 3.3.

A descrição de *pois* como marcador discursivo contribuiu para a reflexão sobre a natureza destas unidades, salientando-se que, mesmo nas suas funções conjuncionais, este conector está vocacionado para operar conexões entre unidades superiores à frase. Por outro lado, a necessidade de se distinguirem funções de *pois* claramente não adverbiais e não conjuncionais (como a fática ou a de estruturador) remete para a discussão em torno da existência de uma classe natural de marcadores discursivos, podendo

constituir um argumento favorável a esta classe. Aos papéis assumidos por *pois* como marcador discursivo, podem associar-se diferentes funções: conector, marcador de afirmação, marcador conversacional, marcador reativo, marcador estruturador. Finalmente, a possibilidade de se associar o uso de alguns dos *pois* a uma escrita muito coloquial convoca investigação futura em literacia de escrita e em sociolinguística histórica.

Referências

- Adam, Jean-Michel (1998) Les genres du discours épistolaire. De la rhétorique à l'analyse pragmatique des pratiques discursives. In Jürgen Siess, J. *La lettre entre réel et fiction*. Paris: SEDES, 37-53.
- Antunes, António Lobo (2005) *D' este viver aqui neste papel descripto - cartas da guerra*. Lisboa: Dom Quixote
- Blakmore, Diane (1987) *Semantic constraints on relevance*. Oxford: Blackwell.
- Bechara, Evanildo (1999) *Moderna gramática portuguesa*. 37.^a edição revista e ampliada. 7.^a reimpressão (2001). Rio de Janeiro: Editora Lucerna.
- Brito, Ana Maria (2003) Subordinação adverbial. In Maria Helena Mateus, Ana Maria Brito, Inês Duarte, Isabel Hub Faria et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 695-728.
- Carrilho, Ernestina & Ana Cristina Macário Lopes (s/d) Marcadores discursivos. In Eduardo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Mota, Luísa Segura e Amália Mendes (orgs.) *Gramática do Português*. Lisboa. F. C. Gulbenkian [no prelo].
- Corpus CARDS-PS online em <http://ps.clul.ul.pt>
- Corpus FLY online em <http://fly.clul.ul.pt/>
- Cunha, Celso e Lindley Cintra (1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa: Edições João Sá da Costa.
- Costa, João (2008) *O Advérbio em Português Europeu*. Lisboa: Edições Colibri.
- Fiéis, Alexandra & Maria Lobo (2009) Para uma diacronia das orações causais e explicativas do português. In Alexandra Fiéis & Antónia Coutinho (orgs.) *Textos seleccionados. XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: Colibri/APL, pp. 265-280.
- Fraser, Bruce (1999) What are discourse markers? *Journal of Pragmatics*, 31, pp. 931-952.
- Lima, José Pinto (2002) Grammaticalization, subjectification and the origin of phatic markers. In Ilse Wischer e Gabriele Diewald (eds.) *New Reflections on grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins.
- Lobo, Maria (2001) Para uma sintaxe das orações causais do português. In *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 291-306.
- _____ (2003) *Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português*. Dissertação de Doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- _____ (2013) Subordinação Adverbial. In Eduardo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Mota, Luísa Segura e Amália Mendes (orgs.) *Gramática do Português*. Lisboa. F. C. Gulbenkian.
- Lopes, Ana Cristina Macário (1996) *Então*: elementos para uma análise semântica e pragmática. In *Actas do XII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística. Vol. I*. Lisboa: Colibri/APL, pp. 177-190.
- Lopes, Helena Couto (2004) *Aspectos Sintáticos, Semânticos e Pragmáticos das Construções Causais*. Dissertação de doutoramento, Universidade do Porto.
- Lopes, Óscar (1971) *Gramática simbólica do português (um esboço)*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- _____ (1991) Da partícula *pois* ao conceito de *apodeixis*. In *Actas do VII Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL, pp. 179-192.
- Marquilhas, R., A. L. Costa, C. Pinto, F. Pratas & G. Vaamonde (2014) *Post Scriptum*: Archivo Digital de Escritura Cotidiana en Portugal y España en la Época Moderna. In Sagrario López Poza & Nieves Pena Sueiro (eds.) *Janus. Humanidades digitales: desafíos, logros y perspectivas de futuro*. SIELAE-Janus. Anexo I (2014), pp. 473-482.
- Martín Zorraquino, María Antonia & José Portolés Lázaro (1999) Los marcadores del discurso. In Ignacio Bosque & Violeta Demonte (dir.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española. Vol. 3. Entre la oración y el discurso. Morfología*. Madrid: Espasa, pp. 4051-4213.

- Matos, Gabriela (2003a) Estruturas de coordenação. In Maria Helena Mateus, Ana Maria Brito, Inês Duarte, Isabel Hub Faria et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho, pp. 549-593.
- _____ (2003b) Coordenação frásica vs. subordinação adverbial. In *Actas do XIX Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, pp. 555-567.
- Matos, Gabriela e Eduardo Buzaglo Paiva Raposo (2013) Estruturas de coordenação. In Eduardo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Mota, Luísa Segura e Amália Mendes (orgs.) *Gramática do Português*. Lisboa. F. C. Gulbenkian.
- Mendes, Amália (2013) Coesão Textual. In Eduardo Paiva Raposo, Maria Fernanda Bacelar do Nascimento, Maria Antónia Mota, Luísa Segura e Amália Mendes (orgs.) *Gramática do Português*. Lisboa. F. C. Gulbenkian.
- Peres, João (1997) Sobre conexões proposicionais em Português. In Ana Maria Brito et al. (orgs.) *O Sentido que a vida faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras, 775-787.
- Peres, João & Salvador Mascarenhas (2006) Notes on sentential connections (predominantly) in Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics*, 5 (1), pp. 113-169.
- Quirk, Randolph, Sidney Greenbaum, Geoffrey Leech & Jan Svartvik (1972) *A Grammar of Contemporary English*. Londres: Longman.
- Roulet, E. et al. (1985) *L'articulation du discours en français contemporain*. Berne: Peter Lang.

Anexo 1

[14 do Curenre de 1917]_{abertura}

[com muito gosto e çatisfação / lançeí a mão pena çó para / çaber da tua çaude que / minha a fazer desta e boa / graças Deus]_{arenga}

[**Poes** ca reçeívim / a tua carta e nela vim / tudo quanto me mandavas / dizer o que mas gostei / foui ae saber que tinhas / çaude e ca reçeívim / uma ae no fim de março / que / ela ta ecomtre o teu / retrato estava muito / gordo o que estimo é que / tenhas Saude **poues** cá reçeívim / a / aeçomenda que de lisboa / **poues** esquizavas de / andar a ecomodar esa / xente **poues** a gente / ca gozaramos pouco / pela pascoa que a Gente / não tinha alegria para / iço q estava pera açentar / paraça o meu [N] / e ele foue Sentar no dia / 14 do corente de ca / e foue açentar praça / a Tomar e o [N] da bar/beira e mas us poucos / de palhaes e de ca para / tomar não foue mas um **poues** a [N] Ja deixou / o [N] de cazal Santanna / com isto nada / mas açeita muitas / çaudades do primo / [N] e da molher / e destas raparigas / e do meu [N] e da minha / [N] e de toda / minha familia e da / [N] / e tânbæ da [N] / que as minhas / çó vista terão fim / **Poues** mandateme / dizer / que vinhas ca / comer as çereijas mas / deus queira que a nóva / çeijsa sarta mas tabues / vos mãe deixar cazar / **Poues** tu mandaste / me dizer que eu / que me aevergonhava de / te mandar a minha / dirêção **poues** éu nuca / negei o meu nóme ae parte / alguma falta é do / esquivão au Seu / [N]]_{narração}

[esta tua amante / adeus / ate vista aDeus / çaudades desta / tua amante / que çó vista terão fim]_{fecho}

(FLY2153, de 1917)